



Jogo milenar: estudo do ponto-e-linha no preto-e-branco do Go

Cinco mil anos de jogo chinês nas pedras do Go

A Escola de Artes Visuais, situada no Parque Lage, incluiu em sua programação de verão um seminário sobre o uêi-ki, jogo chinês de origem remota (possivelmente cinco mil anos...), também conhecido como o jogo do Go. O início de dez encontros em volta de um tabuleiro será na terça-feira, dia 24, às sete da noite, a primeira vez que, no Rio de Janeiro, o uêi-ki será estudado em escola.

"E por causa do aspecto visual do jogo", afirma o prospecto da EAV. "Nos achamos que numa escola dedicada aos visuais seria importante e adequado o estudo do ponto-e-linha, no qual o Go se baseia. Além do mais, aqui no Rio o carioca praticamente ignora o fascínio que o Go pode desenvolver sobre as pessoas. Só existe uma versão do jogo, editada por uma firma de São Paulo que fabrica jogos modernos. E natural que ninguém se estimule a penetrar nos mistérios do Go".

Acredita-se que a origem do uêi-ki esteja ligada ao mesmo chinês que desenvolveu o I Ching. Aliás, os visuais dessas duas matrizes informacionais se assemelham, e recentes descobertas arqueológicas na China fazem crer que, antigamente, não só o I Ching, como também o uêi-ki, se pres-

tavam a práticas divinatórias. No uêi-ki, cada intersecção do tabuleiro corresponderia a um dia do ano, cada canto a uma das estações, e assim por diante. Posteriormente é que o Go passou a ser simples jogo de salão. Era o único jogo permitido nos monastérios zen-budistas no Japão, país onde se desenvolveu muito e onde adquiriu toda uma série de conceitos do Zen.

Alguns teóricos da **game theory** já chegaram à conclusão de que o Go não é um jogo do tipo zero-soma, onde a perda de um é o ganho do outro; no Go não há vitórias absolutas, apenas ganhos relativos. Outra interpretação já prefere ver no Go um jogo sem regras, apenas com **controles**, como qualquer computador. Alguns críticos dizem mesmo que o tabuleiro do Go, no início da partida, é como se fosse uma folha em branco, na qual os oponentes desenhavam com as pedras brancas e pretas.

O tabuleiro e as pedras vendidas pela firma paulista custam Cr\$ 228. O seminário compõe-se de dez encontros, e a taxa de inscrição, a ser paga na Escola de Artes Visuais, é de Cr\$ 200. A Escola pede que os interessados no assunto levem nos dias os seus próprios tabuleiros.